

Leandro Gomes de Barros

O diabo confessando um nova seita

Historia de João da Cruz

(Conclusão)



A venda Rua do Alecrim, n. 38 E.

Typ. Moderna R. Duque de Caxias. --38

Rachel



O diabo confessando um nova seita

Eu gosto muito de ouvir
Os contos da antiguidade;
Historia de certos velhos,
Alerta a atividade
Um passado muito antigo
Vindo hoje é novidade,

Disse um velho : eu vou contar,
Uma que me aconteceu :
A vinte e quatro de Agosto,
Foi quando isso se deu ;
E numa data que o dia
E' de S. Bartholomeu.

Nesse dia muito cedo,
Eu sahi para caçada,
Numa matta muito escura,
Dei com uma enruzilhada ;
Tinha no centro da cruz,
Uma jurema plantada.

Vi no tronco da jurema,
Ao lado da mão direita,

Umás lettras pretas e tortas
Em uma placa mal feita,
Dizendo : confissionario,
Somente da nova seita.

Bem no tronco da jurema,
Estava um velho ajoelhado ;
Esse era um nova seita,
Muito amarello e barbado ;
Desses que trazem ao nascer,
Diploma de desgraçado.

Um desse que vem ao mundo
Fazer semente de tinha
Que só teve por herança
A sorte ingrata e mesquinha ;
Trata a crise por mamãe ;
Chama a desgraça madrinha.

E allí chegando um negro,
Trasendo um livro na mão,
Interrogando ao barbado ;
O que deseja irmão ?
Disse o velho meu padraſto,
Me ouça de confissão.

O negro, era um negro alto,
O corpo um tanto envergado ;
Um chifre no meio da testa,
O nariz todo furado,

Um olho muito amarello,
O outro bem encarnado.

Tinha de morcego as azas,
As unhas de gavião,
As presas de cascavel
Os pé de um avião,
A bôcca representava,
Um enorme socavão.

Perguntava o negro ao velho ;
O que quer você irmão ?
Disse o velho meu padraſto,
Me ouça de confissão
P'ra vêr se por esse meio,
Eu posso ter o perdão.

Dizia o negro meu filho :
Acho bom que te confesses ;
Me digas, nada me occultes,
Contra mim o que fizesse,
Depois eu como padraſto,
Direi que pena meresses.

Disse o velho meu padraſto :
Uma vez eu fui pregar,
O sermão da nova seita,
Devido a não me lembrar,
Chamei 3 vezes por Deus,
Depois foi que fui chorar.

Que mais perguntou o negro :
Tens feito no mundo tu ?
Eu, já enterrei um morto
Já dei de vestir a um n.º
Disse o negro antes tivesse :
Dado elle ao urubú.

Só serão esses os peccados?
Interroga, o negro então :
Disse o nova seita sim...
Uma vez no sermão,
Estava vexado e chamei,
A virgem da Conceição !

O negro se ergueu e disse :
Diga os nomes que quizer ;
Faça por não se lembrar,
Do nome dessa mulher,
Eu passo mil leguas longe.
Do lugar que ella estiver.

Peccasses contra o interno.
Não podes ser perdoado,
Meu padrasto me perdoe :
Dizia afflicto o barbado,
Eu depois me arrependi !
De Deus já estou separado.

Depois disso tenho feito,
Tamanha perversidade,

Estou já na nova seita ;
Illudindo a humanidade,
Levanto falso ao meu proximo,
E fallo da divindade.

Assim, sim ! dizia o negro :
Por mim serás perdoado,
Disse inda essa noite,
Matei meu pai enforcado.
Fui com minha avó ao páo.
Puz meu avó aleijado.

Só não matei minha mãe,
Porque ella é nova seita,
Está illudindo uma velha,
Que era santa perfeita,
Já tem trabalhado muito,
Vendo se a velha se ageita.

Pois bem retorquio o negro :
Se quizer ficar commigo,
Não afrocha a nova seita,
Tenha Deus como inimigo,
Faça o que frei bóde faz,
Contra si não ha perigo.

Ahi o negro apertou,
Nas mãos o grosso nariz,
Assocou-se e sahiu fogo ;
Que só agua em chafariz,

Então delle espirrou,
A desgraça do paiz.

Saiu um homem pequeno,
Com olhos entramellados,
Saiu um gago zanoio
Imprudente e malcreado;
Saiu um sacristão côxo,
E um nova seita barbado.

Espirrou um mão visinho
Um amigo traidor,
Um nova seita amarello,
E um velho enredador,
Foi esse na nova seita,
O primeiro pregador.

O negro quando espirrou
Disse vote-desgraçado
Saiu no espirro um livro,
Elle ahi deu ao barbado,
Disse levante irmão
Agora estás confessado.

Espero que ás de ser sempre.
Muito fiel nova seita,
No inferno onde eu habito
Tua cama já está feita,
Ficará lá no inferno
Tua alma a minha direita.

Disse o velho que contou-me,
Só pude aturar uma hora.
Agora sim, posso crêr,
Que o nova seita é caipora,
E' quasi um filho bastardo,
Que o diabo cria fóra.

E o que esse velho diz,
E' uma pura verdade,
Aonde ha nova seita,
A pouca prosperidade
Aquillo foi um castigo,
Que veio da eternidade.

Foi diabo com raiva
Que tomou essa dispeita,
Tomando inveja de Deus
Fez essa infernal receita,
Despachou-a no inferno
Fez com ella a nova seita.



Já está copiado mais págs.
587 e 609.

—8—

Conclusão de João da Cruz

Quando João da Cruz entrou
Sentiu o corpo agitado,
Uma voz dentro de si
Dizia fosse enganado
Ahi ficou João da Cruz
De tudo sobresaltado

E viu lá um individuo
Com aspecto muito medonho
Outro que se conservava
N'um reservado tristonho
Era o que João da Cruz
O viu na noite do sonho.

Em fingir-se satisfeito
Foi ali o plano seu
Refeição, frutas, bebidas
Elle tudo agradeceu,
Ahi lembrou-se do anjo
Do ramo que elle lhe deu.

Zoraide chamou a mesa
Para elle se servir
João da Cruz agradeceu
E disse eu quero partir
E sol já vai declinando
E' necessario seguir.

—9—

Se despedindo sahiu
Bastante impressionado
Foi directamente ao ramo
Esse já tinha marchado
A flôr que tinha no ramo
Tambem ja tinha seccado.

João da Cruz arrependido
Todas as vestes rasgou
Botou um liquido nos olhos
Que de repente cegou
Ajoelhado no campo
Chorando a noite passou.

Um anjo veio lhe dizer
João tú fosses illudido;
Mas o eterno está vendo
Como estás arrependido
Do céu Deus ouviu teu choro
Já fostes absorvido.

E passou-lhe a mão nos olhos
Vista lhe restituiu
João da Cruz abrindo os olhos
Claramente o mundo viu.
O ramo ahi ficou verde,
A flôr as petalas abriu.

O diabo estava perto
Viu tudo ali se passar

Uivava rangindo os dentes
Dava pulos pelo ar
Dizendo trabalhar tanto
E nada poder lucrar.

Então ficou João da Cruz
No mesmo campo onde estava
Só ouvia a voz do anjo
A quem sempre consultava
Orava todas as horas
De Deus não se descuidava

E assim 26 annos
Passou elle em oração
Tinha com nossa senhora
Uma grande devoção
Até que chegou o dia
De sua consummação.

N'um sabbado pelas 6 horas
Quando João da Cruz orava
Sentiu o pulso fugir-lhe
Viu que seu sangue gellava
Era a morte nesta hora
Que d'elle se approximava

Ahi chegou o demonio
Disse venho te ajudar,
Aqui estou pode pedir
Aquillo que precisar

Chegou o anjo da guarda
Mandou-o se retirar.

O demonio inda se armou
Para pegar em questão
Porém o anjo da guarda
Fez toda declaração
Subiu João da Cruz ao céo
Ficou em prantos o dragão.

Disse o diabo depois
De João da Cruz ter subido;
Tanto trabalho que tive
Nada luerei foi perdido,
Já perdi tendo-o na mão,
O fructo quasi colhido.

Assim toi João da Cruz salvo,
Sendo um atheu peccador,
Está cantando no céo,
Graça ao seu creador,
Cantando glorias da virgem,
Mãe de nosso Salvador.

FIM

Padre nosso do imposto

Nunca se viu tanto imposto
Num paiz como esse nosso :
Cobra-se até de quem reza
Padre nosso.

Nos falta calçado e roupa,
Quem compra mais um chapéo ?
Acudi-nos pai da pobreza
Que estais no céo.

Olhe que o pobre matuto
Que vê o milho encostado,
Não pôde guardar nem um dia,
sanctificado

Carne fresca, e toucinho
O pobre matuto não come.
Ainda que, o que elle implore
Seja o vosso nome.

Meu Deus ! temos esperança
Só no soccorro de vós,
Fazei que um bom inverno
Venha a nós.

De rato, lagarta e formiga
Vos pedimos ; defendei-nos

Imploremos todos os dias
Ao vosso reino.

Livrai-nos que contra nós
Caia a ira do prefeito
E o mercado da cidade
Seja feito.

Fazei que caia o imposto
Da municipalidade
Mas, queira Deus elles façam
A vossa vontade.

O estado nos opprime,
O municipio faz guerra
Nunca se viu tanto imposto
Assim na terra.

Queixa-se o povo em geral
Que vivem como tétéo
E o governo vive aqui
Como no céo.

Os empregados da camara
Conservam-se com grande róço
Por terem por pergaminho
O Pão nosso,

Quando querem nossos votos
Nos tratam com cortezia

Os impostos augmentando
De cada dia.

O diabeiro do thesouro
Some-se como quem foge,
A fortuna dos prefeitos
Dai-nos hoje.

Destes impostos d'agora
Por caridade livrai-nos
As censuras que fizemos
Perdoai-nos.

Não temos mais o que fazer
As cousas vão tão insipidas!
Que não podemos pagar
As nossas dividas,

Impostos por toda forma
O governo nos traz atéz
Deus queira que ainda elle fique
Assim como nós.

O procurador nos cobra
Nós por pobre nos vexamos,
Mas quando elle nos deve
O perdoamos.

Os do governo se unem
Fazem como vós, com os vossos.

E' preciso que vós auxiliéis
Aos nossos.

O governo nunca deu
Ouvido aos nossos clamores
Accetta queixas dos nossos
Devedores.

Por qualquer cousa nos multam,
Só para nos perseguir
Nas unhas desses tyrannos
Não nos dexéis cahir.

O preço baixo da farinha
Nos faz grande confusão
Faz o agricultor cahir
Em tentação.

Escutai nossos clamores
Nas afflicções amparai-nos
El desses fiscaes carniceiros
Livrai-nos.

Seja vós o protector
Que nos sirva de phanal
Defendei-nos dos impostos
E do mal.

Permitti que o inverno
Venha cedo e chova bem

Livrai-nos de todas as multas
Amen.

Offereço este Padre Nosso
Aos prefeitos do Estado,
Para que em eleição
Cada um seja votado,
Adiante o municipio,
E cada um fique arrumado.

(Repetido a pedido.)



6088

O auctor reserva o direito de pro-
priedade

(268)